



EMERGÊNCIA DAS NARRATIVAS MARGINAIS PARA O MAPEAMENTO DAS SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS NO BRASIL (SEGUNDO O RAP)

EMERGENCIA DE NARRATIVAS MARGINALES PARA EL MAPEO DE SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS EN BRASIL (SEGÚN EL RAP)

EMERGENCE OF MARGINAL NARRATIVES FOR MAPPING CONTEMPORARY SUBJECTIVITIES IN BRAZIL (ACCORDING TO RAP)

Mariana Leme Gonzalez Büll¹

Richard de Oliveira²

RESUMO: O presente trabalho apresenta relatos cartográficos produzidos a partir da escuta de diferentes versos de rap. Ao mapear divergências conceituais e discursivas entre o pensamento hegemônico e as narrativas marginais, pôde-se refletir acerca dos modos de subjetivação em território brasileiro. A análise se deu em cinco pulsos, cujas discussões exploram temáticas relevantes no estudo das subjetividades contemporâneas e evidenciam limitações nas perspectivas mais tradicionais da psicologia, sendo elas: noções de enfrentamento e constituição de mundos a partir da musicalidade, da narrativização e da religiosidade; brechas na língua-padrão que evidenciam recusas da dominação discursiva academicista; marcas psíquicas do racismo; interseccionalidades das formas de opressão e expressões de corpos insurgentes. Ao final, propomos movimentos para uma redefinição epistêmica que favoreça as trocas entre nosso campo de estudos e os movimentos político-culturais.

PALAVRAS-CHAVE: rap; narrativas marginais; subjetividade contemporânea; cartografia

RESUMEN: Este estudio presenta narrativas cartográficas derivadas del análisis de varios versos de rap. Al mapear disparidades conceptuales y discursivas entre las ideologías hegemónicas y las narrativas marginadas, tiene como objetivo elucidar los modos de subjetividad dentro del contexto brasileño. El análisis se desarrolla en cinco segmentos, explorando temas pertinentes en el estudio de las subjetividades contemporáneas y revelando deficiencias dentro de las perspectivas psicológicas tradicionales, siendo estas: nociones de confrontación y constitución de mundos basadas en la musicalidad, la narrativización y la religiosidad; lagunas en el lenguaje estándar que resaltan los rechazos de la dominación discursiva academicista; marcas psíquicas de racismo; interseccionalidades de formas de opresión y expresiones de cuerpos insurgentes. En última instancia, el estudio propone movimientos hacia una redefinición epistémica que fomente el diálogo entre nuestro campo académico y los movimientos sociopolíticos.

PALABRAS CLAVE: rap; narrativas marginales, subjetividad contemporánea; cartografía

ABSTRACT: This study presents cartographic narratives derived from the analysis of various rap verses. By mapping conceptual and discursive disparities between hegemonic ideologies and marginalized narratives, it aims to elucidate modes of subjectivity within the Brazilian context. The analysis unfolds across five segments, delving into pertinent themes in the study of contemporary subjectivities and unveiling deficiencies within traditional psychological perspectives, those following: notions of confronting and constituting worlds based on musicality, narrativization and religiosity; gaps in the standard language that highlight refusals of academicist discursive domination; psychological marks of racism; intersectionalities of forms of oppression and expressions of insurgent bodies. Ultimately, the study proposes movements towards an epistemic redefinition that fosters dialogue between our academic field and socio-political movements.

KEYWORDS: rap music; marginal narratives; contemporary subjectivity; cartography

¹ Psicóloga formada pelo Centro Universitário da Fundação Herminio Ometto
marianalgbull@hotmail.com

² Docente da Universidade Estadual do Centro Oeste, orcid <https://orcid.org/0000-0002-4638-8421>
richard.horimono.researcher@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este escrito é o desdobramento de um exercício de mapeamento das subjetividades contemporâneas, tomadas como processo aberto, no qual o *rap* se fez instrumento de polifonia de vozes marginais. Ainda que a arte marginal espelhe modos de existência não vividos na pele de toda a população brasileira, ela nos interpela a participar de um comum, anunciando uma experiência a partir de uma construção “ao mesmo tempo (e indissociavelmente) material, semiótica e social” (ROLNIK, 1989, p. 46).

A enunciação das condições de marginalidade (sejam elas geográficas, políticas e/ou socioeconômicas) através de atividades artísticas têm sido cada vez mais apropriadas pelos próprios sujeitos marginalizados, dando luz a novas articulações e crivos de inteligibilidade em torno desta realidade. Ao se contrapor frente às narrativas hegemônicas, as narrativas marginais alargam os significados e valores estético-políticos dos termos ‘marginal’ e ‘periférico’, e denunciam a exploração e o reacionarismo como raízes corruptivas, criminalizantes e economicamente empobrecedoras da sociedade brasileira.

Nesta contrahegemonia, o *rap* – elemento da cultura *hip hop*, juntamente ao *break* e ao grafite – dentre outros ritmos como o *funk* e o samba, sempre fizeram emergir subjetividades afetadas pela consciência de classe e pelo desejo de reconhecimento e superação da condição de exploração e subcidadania. Essa articulação entre história social e subjetividade é encontrada entre as rimas de *rappers*. Tais rimas reproduzem divergências narrativas em relação à representação hegemônica acerca da condição marginal, movimento que solicita uma recomposição de saberes em torno do território brasileiro, descentralizando-os das instituições acadêmicas, rumo ao conhecimento evocado pelas periferias.

Ao promover redefinições na hegemonia discursiva, engendrando uma voz pela qual a periferia pode falar por si mesma, o *rap* se faz fonte de novos desdobramentos subjetivos, provocados pelo deslocamento de signos de estigmatização social, transvalorando-os em marcas de insubmissão e orgulho, bem como em gestos de legitimação da justa ira de sujeitos indignados.

Quando um *rapper* desdobra em musicalidade as experiências que lhe atravessam cotidianamente, ele torna vívido – por dinâmicas de identificação, estranhamento ou afrontamento – o que estava oculto não só em sua própria constituição subjetiva, mas também nas impressões do público ouvinte. Ao evocar a conduta agressiva, por exemplo, o *rapper* não visa reforçar e naturalizar tal atitude, mas apresentá-la como resposta emergente da omissão sistemática da sociedade brasileira frente à violência perpetrada contra toda a população mar-

ginal (D'ANDREA, 2013, p. 276). Neste sentido, a arte, enquanto atividade formativa que interroga e transforma a sensibilidade coletiva, faz-se um instrumento fundamental tanto de explicitação quanto transformação da realidade social.

A materialização das condições da periferia em rimas revela um sujeito que se constitui enquanto tal no momento da sua enunciação. Através do ato de rimar, a dimensão subjetiva se transforma e a música revela sua natureza criadora e reparadora da realidade. Enquanto o *rap* narra a periferia, a periferia se constrói. Enquanto o *rapper* rima, a rima cria o *rapper*. E como “qualquer mudança social passa necessariamente por essa produção viva e mutante de subjetividades” (MANSANO, 2009, p. 112), as dimensões estéticas, subjetivas e sociopolíticas se entrelaçam de maneira inextrincável no fazer do rap. A percepção deste entrelaçamento possibilita o uso, tanto poético quanto analítico, das posições de marginalidade que articulam – nas dimensões apresentadas – uma fonte de criação, criatividade e improvisação como força excedente. Força de diferenciação frente às forças hegemônicas asfixiantes.

De acordo com D'Andrea (2013), as ciências humanas têm encontrado importantes limites no que concerne a compreensão das inter-relações e as políticas da periferia, devido à falta de ferramentas no arsenal conceitual-metodológico acadêmico que possibilitem uma compreensão dialógica entre o espaço acadêmico e o periférico. Ademais, é inegável que a academia ainda hoje no Brasil configura um espaço elitizado, onde a população periférica é dramaticamente subrepresentada e circunscrita por vieses teóricos que não captam as complexidades e controvérsias assumidas e reiteradas pela própria margem. Esta circunscrição reforça o silenciamento dos sujeitos marginais, produzindo uma violência simbólica que, por sua vez, soma-se à violência focal a que tais sujeitos são diariamente submetidos (MATTOS, ANDRIOLO & OLIVEIRA, 2022).

Desativar esta dinâmica violenta exige a escuta da enunciação coletiva dos sentidos e valores cultivados dentro do *rap*, assim como o cuidado para não cair na armadilha da obliteração de suas causas sociais e do apagamento do potencial estético presente no movimento.

Desses cuidados e manejos, emerge o método que nos orienta no engajamento em formas de expressão que entrelaçam a dimensão estética e ético-política do viver comum: um exercício constante de conexão da escrita com o(s) território(s) em questão e suas complexidades. O *rap*, por se tratar de um movimento musical vivo, reflete uma ferramenta de concepção da linguagem enquanto corpo, afeto e devaneio estético, chocando-se com qualquer representação que vise neutralizar higienicamente o que é, por natureza, dinâmico e continuamente anunciador dos mistérios de nossa constituição subjetiva, histórica e política.

Levando em consideração estas problemáticas epistemológicas e ético-políticas, o presente estudo se propôs a traçar uma transversal, que quer dizer: “tomar a palavra em sua força de criação de outros sentidos, afirmar o protagonismo de quem fala e a função performativa e autopoietica das práticas narrativas.” (BENEVIDES, PASSOS, 2009, p. 157). Assim, pode-se considerar que a transversalização entre psicologia e poesia marginal, neste estudo, inaugura um locus de escuta e passagem – de incômodos, motivações, construções e desconstruções possíveis dentro da disciplina.

Por uma escuta cartográfica

Segundo Passos e Benevides (2022), a cartografia é uma variação metodológica que solicita que a ação de pesquisar adentre um campo de forças, mapeando e participando de suas intensidades. Isso torna a pesquisa, cujo núcleo é a própria corporeidade sensível do pesquisador, como parte do processo de produção social que a solicita. Trata-se de uma perspectiva que rejeita a neutralidade epistemológica e ético-política que caracteriza a utilização hegemônica da pesquisa científica.

O *rap* nos convoca a mesma atitude. Por ser um estilo musical que busca desencadear a ação, mais do que uma contemplação passiva, nos faz encarar as problemáticas nele enunciadas de maneira engajada, conclamando à mudança daquilo que não se alivia pela música. O *rap* não quer afastar o sofrimento, não quer descansar, “o rap seria canção que não repousa” (D’ANDREA, 2013, p. 252). Somos tomados por um “Pulso que produz musicalmente a violência das letras, mas que também possui a função de induzir ao transe” (DANDREA, 2013, p. 252). Assim, levando em conta atravessamentos da ordem do sensível, novas zonas se abrem dentro do campo acadêmico, pois a pesquisa pode por alguns instantes suspender a análise discursiva e experimentar um locus de escuta sensível.

Ao longo de todo o processo deste estudo, marcado pelo ato de ouvir e pesquisar diversos modos de expressão dentro do *rap*, reforçamos a necessidade de considerar a heterogeneidade no gênero musical. Observando propostas, vivências e estilos de diferentes *rappers*, pôde-se relacionar suas rimas ao aspecto mais múltiplo e dinâmico dos sujeitos, isto é, suas subjetividades.

Para evidenciar as marcas que produzem os modos de subjetivação brasileiros, suas ambiguidades e intensidades, é que visamos cartografar as pulsações decorrentes de um movimento artístico plural e polifônico. Por resultado escrito, oferecemos fragmentos divididos em cinco pulsos, provocados pelas seguintes temáticas: a apropriação da narrativa; a criminal-

idade como palavra de ordem; o choque da fala negra para a branquitude; a intersecção do racismo e sexismo como formas de opressão adjacentes; e expressões de corpos insurgentes. Desse modo, partindo de indagações trazidas por campos heterogêneos, este estudo visa produzir novas escutas e fomentar condutas contra um projeto de aniquilamento social que tem como alvo sobretudo corpos negros, homossexuais, transexuais, ou quaisquer identidades desviantes em relação a hegemonia branca e heteronormativa.

PULSO 1: UMA NOVA MORALIDADE

O que é, o que é?
Clara e salgada, cabe em um olho, e pesa uma tonelada
Tem sabor de mar, pode ser discreta
Inquilina da dor, morada predileta
Na calada ela vem fêfê da vingança
Irmã do desespero, rival da esperança
Pode ser causada por vermes e mundanas
E o espinho da flor cruel que você ama
Amante do drama, vem pra minha cama por querer
Sem me perguntar, me fez sofrer
E eu que me julguei forte, e eu que me senti, serei um fraco quando outras delas vir
Se o barato é louco e o processo é lento, no momento, deixa eu caminhar contra o vento
O que adianta eu ser durão e o coração ser vulnerável?
O vento não, ele é suave, mas é frio e implacável (é quente)
Borrou a letra triste do poeta (só)
Correu no rosto pardo do profeta
Verme, sai da reta, a lágrima de um homem vai cair
Esse é o seu B.O. pra eternidade
Diz que homem não chora, tá bom, falou
Não vai pra grupo irmão, aí, Jesus chorou

♪ Jesus Chorou - Racionais MC's, 2002

Segundo Takahashi (2012), o *rap* é a propagação de uma outra *Palavra*. Em *Capítulo 4, versículo 3 e a Teologia dos Racionais MC's* (2012), encontramos a sobreposição entre uma manifestação política a formulação *religiosa*, que convergem para a constituição uma nova moralidade, a qual se contrapõe à moral reacionária fortemente incrustada na sociedade brasileira contemporânea, à natureza alienante de seus discursos e resquícios imperialistas.

De acordo Chauí (2000), a religiosidade opera como um sistema de propagação de conhecimentos sobre o mundo que se propõem universais, instituindo uma moral regulamentadora tanto a quem a adota, quanto a quem não a adota. Isso porque a religião opera como mito, ou seja, organiza a realidade a partir de uma explicação genealógica universal, e produz efeitos sociais (hábitos, valores, comportamentos, instituições) que serão produtos desta suposta universalidade. Assim, talvez possa-se afirmar que grande parte dos discursos normativos formadores da moral brasileira advém das profetizações de palavras de ordem religiosa.

A poesia de Mano Brown, do grupo Racionais MC's, também faz emergir uma dimensão sagrada da palavra. Quando apoia-se no fato de que *Jesus chorou* para legitimar as lágrimas que decorrem de sua narrativa, ele desconstrói a máxima de que homem não chora. Manos choram sim, pois saber-se excluído do sistema político é um fardo que merece ser expressado.

A apropriação expressiva pelos sujeitos periféricos é um fator de politicidade instrumentado nas músicas de *rap*, não apenas pela enunciação das dinâmicas de poder que a todos atravessa, mas também por demonstrarem “fazendo arte, que o poder não tem “dono”, mas perpassa seus corpos.” (PASSOLD, 2018, p. 4). As letras demonstram como a violência que sofrem e a resistência que a ela oferecem, ao serem transvaloradas artisticamente, revelam problemáticas que implicam todos nós. Desse modo, não cabe aos periféricos a definição de *excluídos*, uma vez que suas vidas também compõem o tecido social. Definir a periferia como exterioridade só serviria para “continuar descrevendo e afirmando a dominação indefinidamente até o fim dos tempos.” (PASSOLD, 2014, p. 4)

Assim, assumindo uma postura insubmissa e narrando críticas à moral que visa retroceder ao que nunca foi, Mano Brown desabafa em defesa de si, mas também em defesa de seus iguais, incentivando jovens a desaguarem na ponta do lápis suas lágrimas, rancores, angústias e valores. A justaposição de narrativas comuns entre si, mas diversas em estilo, tom e forma, dá vida ao *rap*. Dentro de um mesmo movimento cultural, são inúmeras as formas de narrar, musicalizar e produzir subjetividades, objetivando a relevância do pensamento marginal e tensionando a ressignificação da cultura popular e a reestruturação do imaginário nacional hegemônico.

PULSO 2: NARRATIVAS DO CRIME

*Com paciência você consegue vencer
Como consequência você só vai se submeter às exigências que o medo pode te oferecer
Sei que as leis são rude, rá ladrão, eu sei que a lei é rude, talvez me escute
Cordial temos que ser, prevalecer impune, mas nunca mude
E dando ouvidos fiz o que pude, é, fiz o melhor que pude
Quem tá na nóia não dorme, vê lobisomem
Qualquer esquina delirante, hilariante
Mas pros manos que fazem o crime, é firme
Armas de grosso calibre a quem revide a blitz, que Deus me livre
A fome a cada dia faz um ser pro crime
Ser pobre num é querer nascer humilde
Requinte, age na humilde, mais que vinte
Periferia é o seguinte, realidade vive pode crer daria um filme
Massacre desossado protege de AR-15*

♪ *O Gatilho - Sabotage, 2002*

O ato de narrar não só revela a existência de um universo, como contribui para lhe dar forma, sentido, coerência. Para compreender as representações da periferia, é necessário cruzar uma fronteira simbólica no que diz respeito a algumas significações.

Segundo Spivak (2010), uma condição para a luta contra a subalternidade é a reconfiguração dos parâmetros hegemônicos de narratividade. Assim o *rap*, enquanto instrumento de criação e propagação de outras perspectivas e formas de enunciá-las, reflete uma ética de subjetivação que se apoia no fazer artístico, este dotado do duplo potencial:

de bagunçar essas evidências da dominação e das destinações dos corpos – que contribuem na “instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade” (GUATTARI & ROLNIK, 2013, p. 22-23) e, dessa maneira, fazem a política que promove tensão na democracia consensual. (PASSOLD, 2018, p. 9)

De acordo com a ideologia predominante, a condição de marginalidade representa um quadro *imprestável* (SOUZA, 2003, p. 58) do ponto de vista político e econômico. Trata-se de uma lógica na qual impera a equivalência entre a *lei* e a *ordem*; o *crime* e a *desordem*; e, ainda, na qual *vencer* seria o mesmo que *submeter-se* ao sistema econômico vigente. Operando nesta lógica, o crime é sempre tratado como um tabu, uma proibição inquestionável e uma falha moral individual, mas jamais como o problema coletivo que deveria ser analisado à luz de componentes heterogêneos.

Ao escancarar a racista e atroz violência policial que se alastra diariamente pelos cantos do país, alertando sobre a vulnerabilidade de jovens em conflito constante com a lei e com o crime, a cultura rap revela adversidades de uma realidade bem distante das classes sociais privilegiadas, cuja integridade não é cotidianamente ameaçada por elas. A trajetória de vida de muitos jovens periféricos é marcada, além de pela violência policial, pela exploração econômica, pela carência material e pela humilhação social. Tal composição nefasta de fatores alimenta o tráfico, o porte desregular de armas, o crime organizado. A história de vida jovens evidencia a “constante tensão entre o mundo do crime e o mundo do trabalho no horizonte de possibilidades do indivíduo periférico” (Feltran, 2018; DANDREA, 2013, p. 161). Esta tensão constitutiva da vida na periferia se expressa no *rap* a partir da ambígua e multifacetada “metáfora do rapper enquanto criminoso” (DANDREA, 2013, p. 96).

A representação da criminalidade nas cenas culturais periféricas, como forma de subverter um sistema que não concerne direitos democráticos, culmina no que Gabriel Feltran chamou de impacto político do “choque dissensual entre mundos sensíveis” (2013, p. 46). No rap, temos o crime como uma forte realidade, e ainda, como sinônimo de ordem, proteção e

oportunidade para jovens abandonados pelo Estado. É nesse sentido que, para o rapper Sabotage, na música *O Gatilho: a lei é rude e o crime é firme*. E “como toda representação muito difundida, evidentemente essas letras também “constituem o que descrevem” (MISSE, 2006 apud FELTRAN, 2013, p. 47). Desta maneira, o *rap* é também produtor dos sentidos constituintes da periferia, onde *vencer* seria *não submeter* às determinações dos grandes poderes.

Já a potência de autoafirmação que constitui as rimas sustenta a democracia refletida pelos rappers, revelando uma tática comum à maioria deles, de transpassar o lugar naturalizado de ação política - o Estado e as instituições - e fomentar o ativismo dentro das quebradas. Assim, torna-se possível “pensar as margens como uma fronteira conflituosa em que se explicitam os limites e potencialidades de “velhas” e “novas” políticas” (BERTELLI, 2012, p. 216). Em suma, trata-se de um movimento que visa questionar e reorganizar a partilha do sensível (Ranciére, 2012) na sociedade brasileira, o que implica na implosão de processos subjetivos e sociais que questionam e desativam o *consenso transclassista*.

PULSO 3: COMO O RAP TOCA PESSOAS BRANCAS?

*Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos
O primeiro ritmo que tornou pretos livres
Anel no dedo em cada um dos cinco
Vento na minha cara, eu me sinto vivo
A partir de agora considero tudo blues
O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues, o funk é blues, o soul é blues
Eu sou Exu do Blues
Tudo que quando era preto era do demônio e depois virou branco e foi aceito
Eu vou chamar de blues
É isso, entenda, Jesus é blues.
Eu amo o céu com a cor mais quente
Eu tenho a cor do meu povo, a cor da minha gente
Jovem Basquiat, meu mundo é diferente
Eu sou um dos poucos que não esconde o que sente
Choro sempre que eu lembro da gente
Lágrimas são só gotas, o corpo é enchente
Exagerado, eu tenho pressa do urgente
Eu não aceito sua prisão, minha loucura me entende
Baby, nem todo poeta é sensível
Eu sou o maior inimigo do impossível
Minha paixão é cativo, eu me cativo
O mundo é lento ou eu que sou hiperativo?
Me escuta, quem cê acha que é ladrão e puta?
Vai me dizer que isso não, não te lembra Cristo?*

♫ *Bluesman - Baco Exu do Blues, 2018*

Para Grada Kilomba, ao descrever os mecanismos de opressão racial, a boca seria “o órgão que, historicamente, tem sido severamente censurado” (2019). A artista interdisciplinar,

escritora e teórica explica o processo de negação do colonizador acerca da violência a que submete o colonizado através de uma cisão na própria psique (do sujeito branco), que cria um Outro (sujeito negro), no qual são depositados todos os aspectos que não quer reconhecer em si mesmo. Nesse ponto, a fala negra torna-se o desconforto da branquitude, pois se a negritude fala, há a possibilidade de o branco ouvir “Verdades que têm sido negadas, reprimidas, mantidas e guardadas como segredos” (KILOMBA, 2019, p. 41). O segredo em questão é a história da opressão composta pela colonização e pela escravidão - fatos históricos que o sujeito branco visa reprimir, para se eximir da culpa e da vergonha sobre as atrocidades cometidas por seus antepassados. Durante as rotas dos cativos africanos até a sua chegada no Brasil, era comum que negros usassem marcações rítmicas como forma de comunicação, a fim de transmitir sua identidade através de batucadas, simulando as pulsações do coração. Uma linguagem própria, que desde os primeiros momentos da escravidão fora confrontada, uma vez que:

Os escravagistas brancos cedo compreenderam que os africanos precisavam dos instrumentos de percussão para manter sua coesão social, sua identidade cultural e sua luta política. Os tocadores da África ocidental cultivavam códigos que permitiam a seus tambores “falar”, possibilitando a troca de mensagens à distância. Para reprimir tal comunicação na preparação de rebeliões, os senhores de escravos chegavam a cortar as mãos dos tocadores de tambores. (RIBEIRO, 2022, p. 62)

Baco Exu do Blues resgata a dimensão cultural da negritude, citando os diversos ritmos que possibilitaram a propagação de narrativas negras: *O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues/ O funk é blues, o soul é blues*; e versos de *rap*, poesias ritimadas, também são *blues*, uma vez que revivem o que fora silenciado pela dominação européia. Simultaneamente, essas manifestações musicais reescrevem uma identidade a partir de seu próprio referencial. As rimas são instrumento vital da construção subjetiva do *rapper*, este que deseja falar por si, constituir-se enquanto o único que tem “o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (HOOKS apud KILOMBA, 2019, p. 42). Ao narrar sua história, anunciar uma posição e construir sua identidade, o *rapper* busca não mais identificar-se com o imaginário racista que vincula o negro à periculosidade, à violência e à promiscuidade.

Letramentos de *rap* frequentemente fazem alusão aos maiores tabus do mundo conceitual branco: a agressividade e a sexualidade. Aspectos que, através de um processo de negação e deslocamento, são apartados da subjetividade branca, e depositados no imaginário racista acerca da subjetividade negra. Ao narrar experiências de ódio, descarrego, de resistência e de amor (muitas vezes presentes nas mesmas canções), o *rapper* demarca uma oposição ao

lugar de outridade que lhe fora designado. Sua escrita se faz, portanto, uma atitude de descolonização, por afirmação e validação de si enquanto narrador dos próprios sentidos, bem como por negação e enfrentamento das narrativas impostas pela branquitude.

Baco afirma *Eu sou um dos poucos que não esconde o que sente/... Eu não aceito sua prisão, minha loucura me entende*, renegando assim a uma identidade unidimensional, subordinada a paradigmas racializantes, que frequentemente prejudica os sujeitos na constituição de sua individualidade. Essa negação do rapper pode ser compreendida como um “processo de inventar de novo” (HOOKS apud KILOMBA, 2019, p. 69), no qual novos papéis são incorporados pela negritude, negando a representação colonial que pré determina seu lugar. Uma vez que “racismo é um regime discursivo e não biológico” (KILOMBA, 2019, p. 175), este inventar de novo se faz importante tanto para a reconstrução da negritude, quanto para a revisão da condição de branquitude, pois “É pela própria narrativização que se renova esta tensão entre identidade e diferença, a proximidade daquilo que ao se revelar se reconstitui enquanto “outro”” (CARDOSO, 2007, p. 336).

Quer dizer que a recusa do silenciamento e do rebaixamento promove uma ressignificação subjetiva tanto do povo blues quanto do Outro que, desta vez, seria o sujeito branco - quem se cala e se põe a ouvir. Daí a necessidade dos versos: são como fluxos que reposicionam e transformam afetivamente o sujeito da experiência e o sujeito da escuta.

Quando Baco questiona *quem cê acha que é ladrão e puta?*, aponta a discriminação sofrida por seu povo. Denuncia sinteticamente a incoerência da segregação racial: *Vai me dizer que isso não te lembra Cristo?*. À mercê dos ataques da branquitude, o *rapper* coloca-se na mesma posição daqueles que Jesus Cristo defendeu. Assim, demonstra a perversão oculta nos atos de condenação às pessoas marginalizadas, ainda mais quando incitados em nome de Deus.

Através de suas formulações rimadas e ritimadas, Baco Exu do Blues convida a branquitude a adentrar um *processo de desterritorialização subjetiva* – processo pelo qual o sujeito branco torna-se consciente acerca da perpetuação do racismo, e foi descrito pelo sociólogo Paul Gilroy em cinco mecanismos: negação; culpa; vergonha; reconhecimento; reparação. Nesta trajetória, a reparação seria o ato de negociar o reconhecimento da posição engessada da branquitude, “através da mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono de privilégios.” (KILOMBA, 2019, p. 46).

PULSO 4: INTERSECCIONALIDADE DAS FORMAS DE OPRESSÃO

*Baby, é só mais uma armadilha, cuidado na trilha!
 Baby, fique viva, fique viva!
 Tive que aprender a me amar, ficar de pé
 Pra depois aprender a voar, manter a fé
 Fico viva mais um dia, jogo as drogas na pia
 Leio antropologia, lavo meu corpo com sais
 Essa terra tem sangue dos ancestrais
 (Estado de alerta)
 Fique viva, se prepare,
 São dias e noites de amor e guerra
 Fique viva, fique viva!
 A linha de fronteira se rompeu
 Bala trocada, bala achada
 Essa bala procura a cor, procura amor
 (Estado de alerta)
 Dias e noites de amor e guerra
 Não se deixe enganar entre beijos macios, gritos e palavrões, enchentes e ribeirões
 Viajo nas amplidões como Zé Ramalho, na Paleja do Diabo com o dono do céu
 Quanto vale o seu papel?
 Fusa a arte nesse tempo, eu ando confusa, eu ando confusa
 Quem abusa nos usa? Quem abusa nos usa.*

♪ *Fique Viva - Brisa Flow, 2018*

Segundo a filósofa, escritora e ativista da luta negra Sueli Carneiro (2005), a primeira estratégia para resistir ao *dispositivo da racialidade* e ao *biopoder* seria a *sobrevivência física*. Mantendo-se viva. A canção de Brisa Flow fala explicitamente desta estratégia, e tece uma relação entre o genocídio dos povos racializados nessa terra e a figura da mulher - ameaçada constantemente pelo machismo e sexismo presentes até os tempos atuais.

Ao alargar o termo *genocídio*, abarcando a opressão tanto racial quanto de gênero, deparamo-nos com um olhar interseccional, que toma mais de uma categoria para análise das experiências, de forma a “fortalecer o caráter múltiplo de nossas subjetividades”. Franklin Marques salienta que

[...] ao associar uma dor como única, um trauma como central, fazemos correr em nós um ciclo de repetição da semelhança, passamos a nos apegar àquela dor e repetimos um ciclo de imitação daquele sentimento por similitude: acreditamos ser aquilo que nos doe, a ponto de tornar isso nossa identidade. (MARQUES FILHO, 2019, p. 62)

As inúmeras formas de opressão que atravessam os sujeitos refletem a vastidão de facetas que compõem os processos de subjetivação. De formas distintas, pode-se sofrer as violências da misoginia, por exemplo. Mulheres negras, indígenas, orientais, mestiças, sofrem efeitos específicos, dada sua condição de mulher, mas mais estritamente configuradas pelo

racismo genderizado (KILOMBA, 2019 p. 98). Os impactos desse tipo de opressão constituem experiências singulares, que decorrem do entrecruzamento de ideologias predominantes - heteronormativa, branca, misógina - e sua inseparabilidade ostensiva em alguns mecanismos de subordinação.

Gloria Anzaldúa reflete sobre as necessidades de assumir a flexibilidade dos aspectos que compõe, sobretudo, a mulher mestiça. Este caráter múltiplo e flexível ensina a nos movermos:

para fora das formações cristalizadas – do hábito; para fora do pensamento convergente, do raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um objetivo único (um modo ocidental), para um pensamento divergente, caracterizado por um movimento que se afasta de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla, que inclui em vez de excluir. (ANZALDÚA, 2005, p. 706)

A razão ocidental citada pela autora refere-se à base colonizadora que reforça as semelhanças, a higienização, o embranquecimento, a masculinização. No Brasil, tais valores estão profundamente enraizados, refletindo um cenário nacional paranoico no qual “Tudo que surge de novo deve ser dominado, incorporado, sobre pena de morte - literalmente” (MARQUES FILHO, 2019, p. 34).

Quando pensamos nas mulheres brasileiras, sabemos que sofrem de limitações diferentes - cujos traços somente podem ser captados através da análise interseccional. Ela revela, por exemplo, como a mulher negra e pobre acaba por impulsionar todas as demais (brancas e ricas) com seus ganhos, enquanto a mulher que goza de privilégios ou não está à margem, não atravança avanços para aquelas que constituem a base da pirâmide. Daí a necessidade de “adotar uma visão do feminismo que não torne as mulheres de cor invisíveis, pois elas falam de outro lugar e com outras línguas” (LEOPOLDO, 2020, p. 124).

A relação de *dominação-exploração*, ainda predominante nas vivências contemporâneas, revela uma contradição acerca da suposta “inferioridade social” da mulher - sobretudo a mulher negra - em detrimento da superioridade masculina branca: ainda que *aparentemente* os homens saiam privilegiados dessa relação - devido ao poder histórico que exercem sobre a mulher - todos acabam sendo explorados. Segundo a socióloga Heleieth Saffioti, em nossa sociedade:

[...] os homens são castrados, as mulheres são castradas e os filhos e filhas desta relação também o são. Desta maneira, “a castração do prazer - fenômeno que afeta a mulher, o homem e seus filhos - constitui um instrumento de fundamental importância na domesticação da mão-de-obra” (SAFFIOTI, 1987, p. 63)

Tal análise nos leva a compreender que a discriminação, tanto de gênero quanto de raça, tem suas raízes em amplos interesses econômicos nos quais foi erguido o Brasil. As populações mais oprimidas em termos identitários são também submetidas a menores oportunidades e às mais drásticas condições de trabalho. Neste quadro, temos “o capitalismo em simbiose com o patriarcalismo e o racismo” (LEOPOLDO, 2020, p. 189).

Com tal sobreposição de opressões, a teoria da interseccionalidade propicia um modo de pensar que escapa às determinantes de gênero, raça e classe social, pois pensando além de categorias únicas evita-se o essencialismo que pressupõe a generalização dos desdobramentos subjetivos. Assim, avançamos em direção à “cicatrização da divisão que se origina nos próprios fundamentos de nossas vidas, nossa cultura, nossas línguas, nossos pensamentos.” (ANZALDÚA, 2005, p. 707).

PULSO 5: CORPOS INSURGENTES

*Meus olhos cansados se abrem pra um novo dia
Engulo a saliva da minha própria rebeldia
E quem diria que um dia cê me ouviria falar?
É que minhas correntes foram soltas antes d'eu me expressar
Tardia, e sinto que aqui não posso caminhar
Meu corre é longo, mais um pulo, chego onde quero chegar
Por onde quero, posso até chegar numa ilusão
Mas sigo em frente e nem sempre ouço o meu coração
Anoitece, o sol já desce, pedidos em forma de prece
De uma gente que só ajuda a outra se julgar-se merecem
Ninguém quer se conhecer, se preocupar pra quê?
Nesse caminho falho eu não ganho o que mereço receber
É como estar diante da morte e permanecer imortal
É como lançar a própria sorte e não ter direito igual
Mas eu resisto, eu insisto, eu existo
Não quero o controle de todo esse corpo sem juízo*

♪ *Corpo Sem Juízo - Jup do Bairro, 2019*

Se “O intuito é mudar o foco, transformar e transmutar, des-centralizar e des-fazer” o pensamento, abrindo para novas formas de sentir e atuar no campo social e nas formas de subjetivação (MARQUES FILHO, 2019, p. 175), o corpo sem juízo é exatamente este que *sabe que mudar o destino é o seu compromisso*. Escutando a *rapper* trans e negra Jup do Bairro, encontramos-nos diante de versos que evocam:

[...] corpos de fronteira, corpos anômalos, fugidios, inadequados - entre tantas adjetivações -, que se destacam pelo excedente, por serem além do que se pode ser. (MARQUES FILHO, 2019, p. 88, grifos do autor)

Para Foucault, não é o consenso simbólico e discursivo que desponta na construção do corpo - em sua dimensão física, individual e social -, mas a materialidade do poder que se exerce sobre ele. A partir das conexões entre os corpos disciplinados, forma-se um corpo social domesticado, constantemente enfraquecido em seu poder de revolta e criação (OLIVEIRA, 2020).

O corpo social homogêneo está circunscrito por “noções de utilidade e produtividade” (MARQUES FILHO, 2019, p. 40), uma vez que fora submetido aos dispositivos disciplinares e estratégias biopolíticas próprios à modernidade capitalista, essa em simbiose com o patriarcalismo e o racismo. Já os corpos insurgentes englobam o excedente de tais atributos de normalização, configurando outro campo de existência, “campo da exclusão social, o outro lado do muro, o lado de lá das fronteiras” (MARQUES FILHO, 2019, p. 40).

A todo instante, nossa civilidade forja e reproduz as práticas, os gestos e as experiências compreensíveis e legitimadas, culminando nas “polaridades políticas, éticas e estéticas que definem o que *pode* e o que *não pode* ser incorporado; produzindo nojo e fascinação ao excedente” (MARQUES FILHO, 2019, p. 40, grifos do autor). As palavras de Jup do Bairro transgridem as normas e formas de controle do corpo justamente por assumirem: *Não quero o controle de todo esse corpo sem juízo*, demarcando uma qualidade excedente que lhe é intrínseca - não deseja caber e, por isso, não cabe.

Mas não são apenas os insurgentes - e nesta categoria encontram-se corpos trans, gays, lésbicos, gordos, queers ou quaisquer outras expressões à margem da heteronormatividade - que assumem escapes. Mesmo por entre os sujeitos socialmente incorporados, os dispositivos de controle apresentam *fissuras*:

Estas, em termos psicanalíticos, seriam os chistes, os sonhos e os atos falhos, ou de modo mais civilizado, o mal-estar intrínseco à existência e por onde escapa o obscuro, aquilo que não temos olhos para ver. Essa dimensão flutuante, deslizante ganha espaço e se manifesta, ora, profanando o sagrado, ora, violentando o pacífico. (MARQUES FILHO, 2019, p. 41)

Para exemplificar a fragilidade de tais fissuras – da separação daquilo que *não pode ser incorporado* pela cisnormatividade - um levantamento de dados realizado no site *Red Tube* revelou que os vídeos pornográficos mais procurados entre os brasileiros são aqueles cujas atrizes são transsexuais, ao passo que o Brasil é o país onde mais se mata pessoas trans no mundo (SILVA et al., 2019). Tais mortes envolvem apedrejamentos, pauladas, espancamentos, e recorrentemente corre-se a “espetacularização do suplício das vítimas” (SILVA et al., p. 221)

Essa atroz ambivalência para com os corpos não normatizados aponta a contraditória dinâmica entre desejo e ódio que atormenta a cisnormatividade. Esta ambiguidade do desejo, reprimida e condenada, resulta em:

complexas relações e práticas de violência material e simbólica que atravessam de forma simultânea as estruturas sociais, econômicas e culturais e atingem os corpos que transgridem a heteronormatividade compulsória (BUTLER, 1993 apud SILVA et al., 2019, p. 217)

Na sociedade brasileira, os espaços de circulação do desejo estão cada vez mais restritos a uma economia opressiva, devido a recente intensificação do controle, o consolidado desnivelamento de forças entre indivíduos de diferentes sexualidades, classes e raças, assim como as estratégias de institucionalização da discriminação relacionada ao gênero e a orientação sexual. Aos corpos insurgentes, marginais, é diminuída a possibilidade de circular, e ao desejo como todo “é negado, mais e mais, sua capacidade de experimentação.” (MARQUES FILHO, 2019, p. 71).

A precarização da vida de corpos trans se inicia dentro das casas, nas escolas, e se estende até o mercado de trabalho. A prostituição acaba por ser a forma de sobrevivência de 90% das mulheres trans, sendo este um trabalho onde “são cotidianamente expostas à morte em um processo contínuo de desumanização” (SILVA et al., 2019, 217).

A negação, recorrente aos LGBTQIA+, de acesso ao trabalho formal é uma das mais avassaladoras violências cometidas, principalmente, contra transsexuais e travestis em nosso país. Este cenário de não acesso ao mercado de trabalho acontece desde a precária, por vezes, violenta, inserção e possibilidade de continuidade nas instituições de ensino, o que culmina em desqualificação, dada a grande evasão/ exclusão escolar, até a preconceituosa negação de oferta de oportunidades de emprego. (COSTA, 2020 p. 73)

A complexidade levantada pela diversidade de gênero requer um questionamento acerca dos lugares destinados a quem e por quê. O que deveria estar em jogo é a capacidade de criar a si mesmo, experimentar e pertencer, e não a simples sujeição a formas cristalizadas de ser. É preciso reconhecer os sujeitos como naturalmente desviantes, as identidades como provisórias e as sexualidades como flutuantes.

Vislumbrando o poder dos desvios, a comunidade LGBTQIA+, incita o autoconhecimento sobre nossos próprios corpos, o que aumenta o tesão ao conhecer um Outro sem regras pré-determinadas culturalmente, abre-se espaço para pactuações singulares durante um sexo não padronizado. Como é o caso dos transsexuais, citado por Butler (2003). (COSTA, 2020 p. 53)

A afirmação de posturas transgressoras carrega a força de “equilibrar e equiparar as zonas de desigualdade que o campo social estabeleceu” (MARQUES FILHO, 2019, p. 71). Assim, por meio de “movimentos transmutantes” - nem sempre rebeldes, muitas vezes sorrateiros - podemos adentrar as frestas “que anunciam quando a natureza deseja outra Natureza” (MARQUES FILHO, 2019, p. 100).

CONSIDERAÇÕES

Enfatizamos alguns recortes das narrativas marginais que consideramos mais gritantes no desdobramento das subjetividades. Contudo, por detrás dos renomados *rappers* aqui citados, encontra-se uma multidão de sujeitos que se utiliza de ritmo de poesia como forma de promover transgressões nas normas - estas que aprendemos, incorporamos e deixamos cair no esquecimento. Nesse sentido, a voz de um *rapper* é uma polifonia das vozes marginais, pois carrega a potência de sua diversidade, e também de congruência de valores, causando tensões na suposta “democracia consensual” (PASSOLD, 2018, p. 9).

A escuta de tais vozes levanta questionamentos frente à moral cristã, às proibições inquestionáveis, táticas de controle social e ideologias predominantes. O choque entre vivências distintas promove a atenuação das fronteiras conceituais, e possibilita modificações nos circuitos de controle que operam sobre nossos corpos produzindo distanciamentos e individualismos. Daí a importância de um senso de democracia que opere subjetivamente, isto é, através da sensível abertura e ressignificação dos sistemas de valores, e de uma política mais envolvida com a asseguuração das diferenças.

O ativismo político presente nas quebradas, fortemente manifestado pela cultura local, é um exemplo de propagação de saberes que, enraizados no cotidiano – provisório, coletivo, vivo - opõem-se à passividade política vivida pelos de classe média. A proliferação de signos próprios da periferia e a articulação de seus significados posicionais e relacionais possibilitam entrar em contato com ambiguidades que levam à desconstrução de lugares naturalizados e perpetuadores das práticas de exclusão. Assim, fomenta-se uma crítica às correntes epistemológicas universalizantes e suas influências nas esferas da política, do conhecimento, e da saúde, as quais ignoram a experiência de corpos à margem - isto é - menos centrais, seja em termos de raça, território, religião, orientação sexual e de gênero.

Através das experiências de corpos transexuais, pode-se captar um movimento de *transvalorização*. Não apenas pela flexibilização do aspecto dual do gênero, mas também pelo

forte desinvestimento em verdades violentas que culminam em corpos sociais hegemônicos. Este fenômeno se relaciona com o ato de *assumir flexibilidades* proposto por Gloria Anzaldúa (2005), a fim de superar limites estereotipados e as supostas dualidades cunhadas pelo raciocínio Ocidental.

Na psicologia, uma redefinição epistêmica passa necessariamente por uma transvaloração, uma ressignificação da linguagem, uma sofisticação da escuta. É o mesmo que dizer: ela requer que encontremos brechas dos sistemas de controle; engajamento nas mais diversas formas de expressão; e a não conformidade com a rigidez dos modelos que aniquilam as complexidades. Aqui, nos deparamos com a força das narrativas marginais: elas fornecem subsídio para a composição de novos regimes de vida, fora das delimitações de um sistema econômico restritivo. E a estética do *rap* privilegia, justamente, a expressão desse caráter de experiência - compartilhada, descolonizada, transvalorada.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3): 704-719, setembro-dezembro/2005. Acesso em: 19 abr 2022.
- BACO EXU DO BLUES. **Bluesman**. São Paulo: EAEO e 999: 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-xFz8zZo-Dw>. Acesso em: 13 nov 2022
- BENEVIDES, Regina. PASSOS, Eduardo. **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2009. Acesso em: 3 jun 2022.
- BERTELLI, Giordano Barbin. Errâncias racionais: a periferia, o RAP e a política. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 14, n. 31, p. 214-237, Dec. 2012. Acesso em: 29 ago 2022.
- BRISA FLOW. **Fique Viva**. São Paulo: 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qr9AoqFUNH0>. Acesso em: 13 nov 2022.
- CARDOSO, V. Z. Narrar o mundo: histórias do “povo da rua” e a narração do imprevisível. **Mana** 13(2). p. 317-345, 2007. Acesso em: 30 out 2021.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese de doutorado. FE-USP, 2005.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.
- COSTA, Hellen da Silva Alves. **Da Cis-Heteronormatividade (im)posta à possibilidade de Convivência Heterogênea**. 2020. 132 f. Trabalho de Conclusão de curso. Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto. Araras, São Paulo. 2020. Acesso em: 14 ago 2021.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2013. Acesso em: 26 abr 2021.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Sobre Anjos e irmãos: cinquenta anos de expressão política do 'crime' numa tradição musical das periferias**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. n. 56, p. 43-72, 2013. Acesso em: 05 mai 2022.

JUP DO BAIRRO. **Corpo sem Juízo** (prod. BADSISTA) São Paulo: Tratore: 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6il3RlZSlgM&list=RD6il3RlZSlgM&start_radio=1. Acesso em: 13 nov 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEOPOLDO, Rafael. **Cartografia do pensamento queer**. 1ª ed. Bahia: Editora Devires. 2020.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, 8(2), 110-117. 2009. Acesso em: 11 ago 2022.

MARQUES FILHO, Franklin Costa. **Contrabandos subjetivos: transgressões e irregularidades dos modos de vidas marginais**. 2019. 94 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

MATTOS, R. M.; ANDRIOLO, A.; OLIVEIRA, R. de. Enunciados sobre primitivismo na origem da Psicologia da Arte no Brasil: algumas notas históricas. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, [S. l.], v. 39, 2022. DOI: 10.35699/1676-1669.2022.35279. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/35279>. Acesso em: 14 mar. 2024.

OLIVEIRA, Richard de. Odradek, pequeno criminoso da linguagem: a forma e o valor poético da vida. **Ide** (São Paulo), São Paulo, v. 42, n. 70, p. 61-77, dez. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131062020000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 fev 2024.

PASSOLD, Gabriel. Rap e política: um debate teórico-metodológico. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 52, 1-16. 2018. Acesso em: 26 mai 2022.

RACIONAIS MC'S. **Jesus Chorou**. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica: 2002. Disponível em: Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=ryP3ZvRPJhY>. 13 nov 2022.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental

RIBEIRO, 2022. **Sonho Manifesto**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SABOTAGE. **O Gatilho**. São Paulo: Selo Instituto e Sabotage Prods Arts: 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sn3tWVOtcKo>. Acesso em: 13 nov 2022.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, J. M., ORNAT, M. J., CABRAL, V., & LEE, D. 'QUANDO UMA TRANS É MORTA, OUTRAS MIL SE LEVANTAM!': TRANSNECROPOLÍTICA E TRANSRESISTÊNCIA NO BRASIL. **Geografia**, 44(2). 2019. Acesso em: 19 set 2022.

SOUZA, Jessé. (Não) Reconhecimento e subcidadania, ou o que é "ser gente"?. **Lua Nova**. 2003, (59), p. 51-73. Acesso em: 04 jun 2022.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010. 135 p.

TAKAHASHI, H. Y. **Capítulo 4, versículo 3: o “crime” numa teologia dos Racionais MC's**. Trabalho apresentado no seminário Território, crime e ordenamento social (CEM/CEBRAP), 2012. Acesso em: 21 fev 2022.